



Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 07/07 -11/07



Tailor Made

 Tereos

Macroeconomia

A última semana foi marcada por fortes turbulências no cenário macroeconômico global, com destaque para o anúncio do novo pacote tarifário do ex-presidente Donald Trump. O republicano enviou cartas a mais de vinte países, incluindo o Brasil, impondo tarifas mínimas entre 25% e 50% sobre produtos importados a partir de 1º de agosto. A medida reacende os temores de uma nova escalada nas tensões comerciais internacionais, especialmente após a sinalização de uma tarifa adicional de 10% contra países do Brics — acusados, segundo Trump, de adotarem “políticas antiamericanas” e de tentar substituir o dólar como referência global. Embora o governo dos EUA ainda não tenha formalizado os decretos, a retórica mais agressiva já começou a provocar reações diplomáticas e instabilidade nos mercados.

O Brasil está entre os alvos mais afetados. A tarifa de 50% anunciada sobre todas as exportações brasileiras amplia as pressões sobre setores estratégicos como petróleo, aço, carne bovina, café e suco de laranja. Empresas com forte exposição ao mercado americano — como Embraer, Suzano, Tupy e Jalles Machado — figuram entre as mais impactadas. Em resposta, o presidente Lula afirmou que o país reagirá com base na Lei da Reciprocidade Econômica, aprovada em 2020, reforçando que o Brasil “não aceitará ser tutelado por ninguém”. Contudo, a carta enviada por Trump também sinaliza que eventuais retaliações poderão ser acompanhadas por novas elevações tarifárias, o que aumenta o grau de imprevisibilidade das relações bilaterais.

Internamente, o efeito imediato foi sentido no câmbio: o dólar disparou após o anúncio, o que elevou preocupações sobre a inflação e o impacto nos juros. Em um cenário já caracterizado por desaceleração do consumo, conforme ilustrado pela nova queda nas vendas do varejo em maio (-0,2%), o ambiente se torna ainda mais desafiador para a política monetária brasileira. O receio é que a pressão cambial prolongue o ciclo de juros elevados — atualmente em 15% — e atrase ainda mais qualquer movimento de flexibilização por parte do Banco Central.

No plano internacional, a reação foi mista. A China e a Rússia criticaram o uso de tarifas como instrumento político, enquanto a União Europeia e países asiáticos — como Japão, Coreia do Sul e Tailândia — tentam negociar concessões para evitar novas taxações. Paralelamente, os mercados globais operaram com forte volatilidade, refletindo a incerteza quanto à política tarifária dos EUA e à ausência de indicadores econômicos relevantes na semana. O temor entre os investidores é que as tarifas encareçam a cadeia produtiva, pressionem a inflação nos EUA e levem o Federal Reserve a manter juros elevados por mais tempo.

O Fed, por sua vez, adotou cautela. O presidente Jerome Powell reafirmou a intenção de aguardar dados mais claros sobre os efeitos das tarifas antes de decidir sobre cortes nas taxas de juros. A ata da última reunião da autoridade monetária, que será divulgada nos próximos dias, poderá oferecer pistas mais precisas sobre os próximos passos da política monetária americana. A pressão política, contudo, aumenta: Trump voltou a exigir cortes agressivos, sugerindo uma redução de ao menos 3 pontos percentuais — o que é considerado improvável diante da atual dinâmica inflacionária.

Dessa forma, o pano de fundo para os próximos meses é de elevada incerteza. A combinação entre tarifas comerciais, câmbio pressionado, inflação resiliente e juros altos desenha um quadro de risco para o crescimento global — com impactos diretos sobre o Brasil, especialmente por sua forte exposição ao mercado americano e pela sensibilidade da economia a choques externos. A postura de Trump, embora ainda cercada de incertezas jurídicas, já consegue impactar expectativas e alterar o rumo dos mercados antes mesmo de entrar em vigor formalmente.

Mercado Sucroenergético

A semana no mercado de açúcar foi marcada por forte volatilidade, alternando sessões de correção técnica com momentos de repique e pressão externa, em um ambiente ainda dominado por fundamentos majoritariamente baixistas, mas com sinais emergentes de reequilíbrio no curto prazo. O contrato outubro/25 (SBV25) oscilou entre mínimas próximas de 16,00 c/lb e máximas pontuais em torno de 16,60 c/lb, refletindo tanto ajustes de posição por parte dos especuladores quanto a reação do mercado a dados pontuais vindos da Ásia e do Brasil.

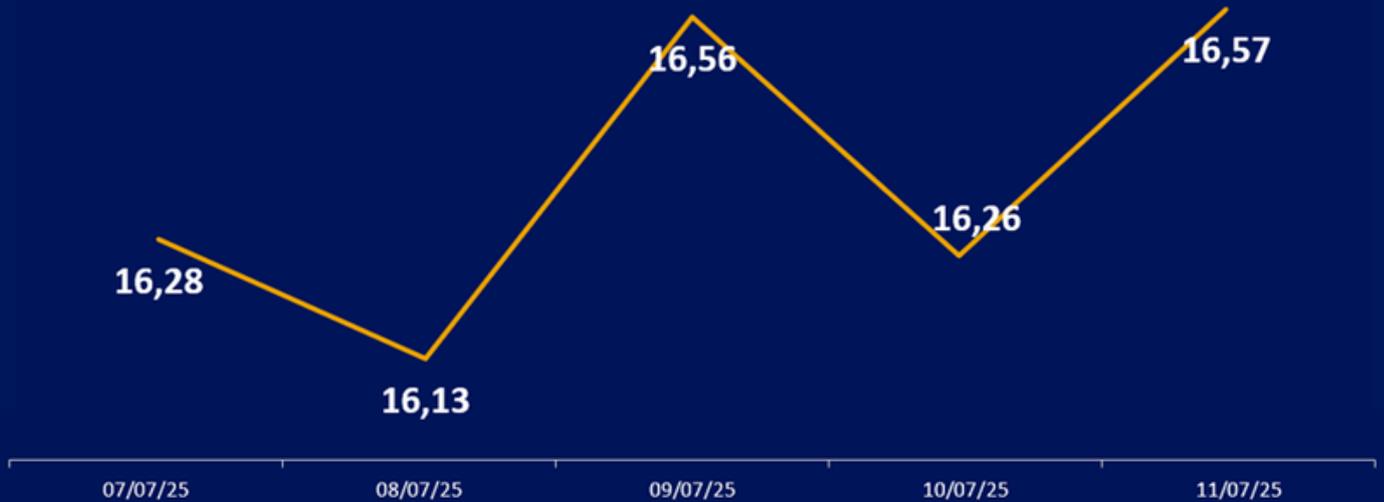
Do lado fundamental internacional, o destaque ficou por conta da Ásia. A China confirmou importações expressivamente maiores em junho, com cerca de 450 mil toneladas internalizadas — um salto frente às 30 mil de um ano atrás — sinalizando um movimento de recomposição de estoques em meio a estoques industriais ainda baixos. O Paquistão também voltou ao radar com a confirmação oficial da importação de 500 mil toneladas com isenção de impostos, reforçando a percepção de escassez doméstica após uma produção reduzida e estoques limitados. Já nas Filipinas, a decisão de internalizar 424 mil toneladas de refinado até novembro adiciona mais uma camada de suporte à demanda regional. Esses movimentos asiáticos não invertem por si só o viés estrutural do mercado, mas funcionam como contrapeso à pressão vendedora, especialmente em um momento de entressafra no Hemisfério Norte. Ao mesmo tempo, os prêmios do açúcar branco (white-premium) avançaram com força, superando os USD 110/t, refletindo o aperto relativo nas qualidades superiores.

No Brasil, os impactos da geada ocorrida em junho continuam sendo monitorados, com relatos de danos mais severos no Paraná e Mato Grosso do Sul do que inicialmente estimado. Embora os efeitos sobre TCH e ATR ainda não tenham se materializado plenamente nos números, já se espera uma quinzena mais fraca nos dados da UNICA, a serem divulgados nos próximos dias.

O mix açucareiro, por outro lado, permanece elevado, sustentado por fixações antecipadas e pela paridade cada vez mais apertada entre açúcar e etanol, que já força algumas usinas a reconsiderar o mix a favor do biocombustível, principalmente entre as menos adiantadas nas fixações. Soma-se a isso o câmbio: o dólar rompeu os R\$ 5,60 após o anúncio do tarifaço de Trump contra o Brasil, com alíquota de 50% sobre todas as exportações, o que devolveu a cotação do açúcar spot para a faixa de R\$ 2.100/t — patamar limítrofe para muitos produtores em termos de rentabilidade operacional e financeira.

Do ponto de vista técnico, o mercado apresentou sinais mistos. Após a alta de mais de 80 pontos na última quinta-feira, motivada por short covering e rompimento da média de 20 dias, o mercado devolveu parte dos ganhos, pressionado tanto pelo ambiente macroeconômico — marcado por aversão ao risco após as novas tarifas dos EUA — quanto pelo ainda elevado número de posições vendidas por fundos especulativos (cerca de 132 mil lotes líquidos, segundo dados de 1º de julho). A curva permanece pressionada, com spreads apertados e um volume significativo ainda pendente de fixação — algo em torno de 4 milhões de toneladas só para o contrato outubro/25, o que limita a força de qualquer recuperação mais prolongada.

Em suma, o mercado de açúcar segue travado entre fundamentos estruturais ainda folgados, mas já amplamente precificados, e um conjunto crescente de fatores que oferecem suporte pontual — como a demanda asiática, o câmbio favorável ao produtor e o comportamento tático dos fundos. O curto prazo ainda sugere viés de baixa, mas o intervalo entre 16,00 e 16,40 c/lb começa a se consolidar como zona de suporte relevante. A evolução do mix, o comportamento climático nas origens asiáticas e o fluxo de exportações brasileiras devem ditar o ritmo do mercado nas próximas semanas, em meio a um cenário técnico que, embora fragilizado, já começa a sinalizar espaço para correções.



Clima & Tempo

Após um mês de junho com chuvas acima da média, o clima em julho tem sido muito seco até agora, com níveis de precipitação abaixo da média, que já é tipicamente baixa para esta época do ano. Graças às chuvas mais intensas em junho, o balanço hídrico geral apresenta níveis melhores neste período em comparação aos anos anteriores. Em contraste, as regiões de Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso, que registraram pouca chuva no mês passado, continuam enfrentando déficits hídricos severos.

Tanto os modelos europeus quanto americano preveem chuvas abaixo da média para as próximas duas semanas. No entanto, enquanto o modelo europeu prevê pouca ou nenhuma chuva na maior parte da região, o modelo americano indica algumas precipitações em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e na região de Araçatuba em SP — mas ainda insuficientes para atingir os níveis médios de precipitação. Por fim, as previsões de temperatura apontam para frentes frias mais fracas na próxima semana, com mínimas variando entre 10°C e 16°C na maioria das áreas canavieiras.